

## **Lísias Nogueira Negrão: Sempre uma referência**

*José Guilherme Cantor Magnani\**

O professor Lísias Nogueira Negrão foi meu colega no Curso de Ciências Sociais da FFLCH da USP, ele no Departamento de Sociologia, eu no de Antropologia e compartilhávamos um interesse: o tema das religiões afro-brasileiras. Claro, Lísias tinha muito mais tempo de casa: quando entrei como professor, em 1983, ele já estava lá desde 1970.

Considerava-o, portanto, uma referência, pois seus estudos nesse campo vinham ao encontro de uma inquietação que marcou minha volta ao Brasil, após sete anos de exílio: entrar em contato com o que, em meu imaginário, remetia a uma das consagradas marcas do país que deixara como estudante de graduação e ao qual agora voltava, como doutorando: carnaval, capoeira, umbanda, candomblé. Já havia até me deparado com algo similar, no Uruguai e em Buenos Aires: *el candombe, la murga; sin embargo, no era lo mismo...*

Ainda que o tema de meu doutorado, sob orientação da professora Ruth Cardoso (defendido em 1982) tenha sido outro – o circo teatro como manifestação de cultura e entretenimento popular na periferia de São Paulo –, por intermédio da colega Maria Lúcia Montes entrei em contato com o ilê da ialorixá Nandelogueê e o terreiro de umbanda Caboclo Trovejeiro da madrinha Lourdes, no bairro de Pirituba, zona norte da cidade de São Paulo.

O interesse pelas religiões afro-brasileiras logo passou de um plano pessoal para o de trabalho acadêmico e juntamente com o médico psiquiatra Uraci Simões Ramos desenvolvi uma pesquisa financiada pela Fundação Oswaldo Cruz cujo título foi “Subsídios para uma proposta de estudo entre a prática médica oficial e as práticas alternativas” (1980). O caso analisado foi justamente o tratamento, no terreiro de madrinha Lourdes, de uma mulher considerada louca por seus familiares; um dos textos utilizados como referência foi “A Umbanda como expressão da religiosidade popular”, de Lísias Negrão, publicado no número 4 da revista *Religião e Sociedade* em outubro de 1979.

---

\* Professor titular do Departamento de Antropologia da FFLCH da USP. E-mail: [jmagnani@usp.br](mailto:jmagnani@usp.br)

Essa pesquisa rendeu, e o contato com o prof. Lísias também, pois participei com ele e outros colegas – Edênio Valle, Carlos Rodrigues Brandão, Maria Helena Villas Boas Concone, Josildeth Consorte e Carmen Cinira, entre outros – do curso “A Religiosidade do Povo” realizado pelo Instituto de Estudos Especiais da PUC/SP e o Instituto Teológico de São Paulo. Nossas palestras foram transcritas e publicadas pelas Edições Paulinas em 1984, e quem abriu essa coletânea, com o texto “A Religiosidade do Povo: visão complexiva do problema”, foi justamente Lísias Negrão.

Sua rica trajetória intelectual, como ele próprio deixou claro no memorial de professor titular apresentado em 2005, está pontuada por três marcos, que denominou *ciclos*: o “ciclo messiânico”, o “ciclo afro brasileiro” – a que corresponderam, respectivamente, as teses de doutorado e livre docência – e o “ciclo do trânsito e multiplicidades religiosas”. Sua contribuição mais relevante no campo do estudo das religiões é comumente creditada ao segundo ciclo e a obra mais conhecida, por certo, é *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo* (EDUSP, 1996).

No entanto, foi no decorrer da fase do que ficou conhecida como “nomadismo do sagrado” e dos “múltiplos pertencimentos” – o terceiro ciclo -, por ele anunciada no artigo “Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado” (“Religião e Sociedade”, 1997 - edição comemorativa dos 20 anos da revista) que desenvolvi minhas pesquisas ulteriores no campo das religiões. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole* (Studio Nobel, 1999) traz os resultados de um projeto do qual participaram vários orientandos meus no Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, abordando diferentes aspectos sobre os desdobramentos do movimento que ficou conhecido como *New Age*, no Brasil, e especialmente na cidade de São Paulo.

Esta, contudo, já não era a temática de Lísias; no entanto, como conhecedor do campo, soube vislumbrar a gênese do novo movimento e nomear sua principal característica, mantendo, deste modo seu papel de referência.